

JORNAL DOS DEBATES

POLÍTICOS E LITERARIOS.

Publica-se nas Quarta-Feiras e Sábados. — Subscrive-se nesta Typographia. — O Preço da Assinatura é de 20000 rs. por Trimestre, pagos adiantados.

Rio de Janeiro. — Typographia de Crémieire, rua do Ouvidor, n.º 104.

LITTERATURA ALLEMÃA.

GOETHE.

Despoticamente dominava Voltaire a litteratura do seculo passado, não sómente em França, como também em toda a Europa. Sua influencia era extraordinaria, e repercutia em todos os pontos do mundo civilizado. Os litteratos, seos contemporaneos, julgaram dever, para merecer alguma attenção, e obter alguma gloria, lisonjeal-o, e mesmo imitá-lo. Frederico II, rei da Prussia, foi um dos seos mais fieis adeptos, e se encerrando com elle no voluptuoso e pitoresco palacio de — *Sans souci* — em Potsdam, transmittia imediatamente, como si órdens fossem, á sua numerosa corte, as lições do poeta de Fe néy, e de tal modo se deixeo por elle guiar, que prohibio o uso da lingua alemaña nas actas de sua administração governativa, e entre os seos cortesãos, esforçou-se em fasel-a adoptar pelos povos de seu vasto imperio, e langou o anathema sobre alguns vestigios de litteratura nacional, que começava então á apparecer. Eram os primeiros suspiros de um infante, que abria os olhos ao panorama da vida, e este infante não achou commiseragão no coração do *mais glorioso filho da Alemanha*, segundo a energica expressão de Schiller.

“ Não teve a musa germanica o seculo de Augusto, nem lhe surriram os favores dos Medicis: não foi mimoseada pela gloria, nem entre-abrio suas flores aos raios de reaes favores. Sem protecção, e sem honra ele-vou-se ella perto do trono do *mais glorioso filho da Alemanha*, do grande Frederico. Pode portanto diser com orgulho o Alemany, e sua alma palpitar mais fortemente nutrita de tal pensamento, que o que elle tem de nobre, e de grande, á si o deve. ”

Tal era o pensamento do autor de *Walenstein*, e elle explica a nobre origem, d'onde sahió essa bella litteratura, que mais tarde apparecendo do que a das outras nações, em pouco tempo se elevou á cima de de todas, livremente rolando com as vagas, e as tempestades. E tambem esta a razão, por que ella é mais profunda, mais sublime, mais metaphysica enfim, do que as outras:

é por isso mesmo, que os litteratos alemañes são mais conscienciosos, e philosophicos, do que os das mais nações da Europa.

O periodo illustre da litteratura alemaña commeca com Kant, e acaba com Hegel. O seo caracteristico é á união da arte e da philosophia. João Goethe, nascido na cidade de Francfort, ribas do Mein, um dos ramos do grande e magestoso Rheno, em 1749, foi o que resumio todo este intervallo entre os dous grandes homens, acima citados: elle foi o primeiro e o derradeiro na gloria litteraria de seo paiz; colheo as primeiras flores, e os ultimos fructos: tudo elle vio, e tudo fez; e é esta a razão, porque elle foi para a Alemanha no seo tempo, o que Voltaire tinha sido para Europa no seculo XVIII, escritor, e poeta universal, variado e harmonioso, como a natureza, que elle tão bem pintou em seo todo, e em suas diferentes especialidades, original na invenção, forte e profundo nas concepções, dotado de uma brilliantissima imaginação, justo e fino nos seos juízos, penetrante e natural, e unido á todas estas particularidades uma rara perfeição no estilo. Tudo quanto formá os grandes poetas, e escritores, tinha lhe prodigalizado a natureza.

O mundo politico offerecia então um aspecto sinistro e ameaçador; as monarquias por toda a parte tremiam. Aproximava-se a terrível catastrophe, que tanto inundou a França de sangue e de lágrimas. A humanidade, vendo á seos pés o abysmo, esperava o momento, em que n'elle seria precipitada. Uma inquietação geral tinha se apoderado dos espíritos graves, e habituados á reflexão. Uma melancolia profunda, um espécie de amor ao suicídio e aos estragos, predominava nos animos. A litteratura, viva imagem da sociedade, simples e austera, quando os homens se occupam com questões religiosas e moraes, ou com graves interesses, turbulenta e apaixonada no seio de uma sociedade revolucionaria, frívola em um estado social corrupto, se cobria então com cores sombrias e misanthropas. Goethe começava então sua carreira litteraria. “ Tomei o partido de procurar em mim, no que me fornecer a sensibilidade ou a reflexão, a materia de minhas produções: de realizar em quadro, em drama, o que me tiver dado prazer, ou dói; e de só pintar o que tiver sentido. ” Eis as suas

próprias palavras, eis a regra, a norma, que elle sempre teve em vista. Cada uma das suas obras corresponde á uma disposição de sua alma, ou de seo espírito; o resumo d'ellas é a historia dos sentimentos e successos, que o ocuparam.

Elle amou uma donzella, bella como uma estrella, pura como uma flor. Tinha elle então 24 annos, e ella 15. Porém os pais da infeliz amante do Vate, que um dia mais tarde havia saudar com orgulho a Alemanha, a forçaram á unir seo destino, e toda a sua vida a de um homem, que ella não amava. Goethe cíbe em um sombrio abatimento, que é além d'isto augmentado por uma certa epidemia melancólica, que entre a mocidade então reinava, pelo vago entusiasmo de Shakespear e de Rousseau. A ideia do suicídio lhe veio ao espírito, porém faltou-lhe energia para executar este criminoso projecto. Dous annos viveo elle entre as angustias de seo coração, e os deveres, que como homem devia cumprir. A solidão lhe era desagradável, e a sociedade odiosa, o mundo lhe parecia um vacuo de dúvida, de desesperação, e de sofrimentos: a misanthropia veio-se apoderar de sua alma angustiada, e essa mesma misanthropia lhe era insupportavel. Triste estado, á que está exposta a humanidade, sem viver, nem morrer... Porém uma grande resolução veio salval-o de repente da misera situação sua. Tentou descrever todos os seos sentimentos, toda a sua paixão, todas as suas penas: e compoz o romance de *Werther*, que tão grande revolução fez não sómente na litteratura, como também na sociedade. *Werther* é a apologia do suicídio, crime moral e religioso, segundo a bella expressão de Alfredo de Vigny. *Werther* é o apello á mocidade para se engolhar nos prazeres platonicos do amor, e depois de bem saborear uma delicia curtida por espinhos, que causa prazer, mas que tem dó, então, depois de perdida a alma, perder também o corpo, e desamparar espiritualmente este mundo materialista. Porém *Werther* é tão bello, inicia-nos tanto nos mais reconditos movimentos d'alma, tão bem nos pinta a inquietação, e o desgosto de uma vida monotona e apaixonada, sem actividade exterior, porém violentamente agitada, por tudo o que com mais forga balança o coração do homem, uma necessidade iminen-

sa de felicidade, um desprazer e odio incrivel á existencia, em que tão perfeitamente nos desenvolve esses sentimentos imaginarios, e essa sensibilidade exaltada, que opprime tanta espiritos, que lendo-os, não podemos deixar de perdoar, e mesmo com um sentimento de gratidão, o autor, que tão criminosa obra produzira.

E curou-se o poeta, publicando o que soffrera? E a carreira litteraria se abriu á seu genio, coberta de louros, para serem por elle colhidos?

O seo segundo primor d'arte é o drama de — *Goetz de Berlichingen* — que é um vasto esboço do seculo XVI, da grande phisionomia da idade media, que expira; e na verdade pode-se diser que o heroe d'este drama é a media idade; é ella, que se viver e obrar, é com ella, que se interessa o espectador. A media idade respira toda inteira em *Goetz, mão de ferro*, com sua força, sua lealdade, e sua independencia; falla por sua bocca, defende-se com seu braço, succumbe e morre com elle! *Goetz de Berlichingen* era um cavaleiro bravo e guerreiro, que tinha perdido a mão direita na guerra do eleitor de Baviera com o Palatinato, e que tinha uma mão de ferro, com que brandia a espada tão facilmente, como si mão natural tivesse, e é d'ahi, que lhe veio o nome de Mão de ferro. N'elle personifico o autor de *Werther* a vida cavalheresca, a existencia feudal dos senhores, a independencia dos nobres e dos grandes, no tempo, em que cada castello era uma fortaleza, cada senhor era um soberano, e no tempo, em que os povos nada podiam, e que como servos se achavam manietados aos carros dos nobres, do feudalismo, personificação da força brutal e material. Da intenção do poeta, compondo este drama, diz Goethe nas suas memorias —

Aus meine Leben. — Tinha grande desejo de executar enfim um plano á muito concebido de una obra dramatica. Meo entusiasmo perseverante pelo autor de *Hamlet* alargou o circulo de minhas ideias. O Theatro me parecia muito estreito, e a duração ordinaria de uma pega muito curta, sendo n'ella impossivel o encerrar-se o desenvolvimento de uma grande obra. Eu queria, pondo em scena o bravo *Goetz de Berlichingen*, conservar a sua vida, por elle mesmo escripta, todo o seo interesse historico, e por isso ultrapassei todas as formas dramaticas, e quasi que fiz um drama *romance*. N'este drama figura todo a idade media, como já dissemos; monarcas, senhores feudais, povo, hómems, tribunal secreto, erlerigos, jurisconsultos, poetas errantes, tudo em scena se apresenta, tudo vive, e se agita n'este grande quadro, que revela no seo autor um genio extraordinario.

O seo terceiro primor d'arte são as suas poesias soltas, as quais revelam toda a va-

riedade e riqueza de sua imaginação. Elle se identifica sem esforço, com todos os objectos, com que se inspirou, e tudo torna-se sublime graças á seu tacto e finesa. Com tanta facilidade ouve elle ressoar o écho sob as abobadas do Parthenon, como nas florestas do norte, e entre os vidros coloridos das gothicas cathedraes; elle se inspira á sombra das palmeiras da Palestina e se exalta no seio das queimadoras areias da Arabia; parece tudo conhecer, e tudo lhe é familiar. Os seus canticos, balladas, odes, idilios e mais pequenas poesias, rivalizando com os de Schiller, porcorrem, com a rapidez do raio, todas as regiões submetidas á lingua allemãa. As ribas do Elba, do Danubio, do Rheno, nos arredores de Dantzig, como sobre os cumes dos Alpes Tyrolianos, se ouve repetir os cantos imortaes e tão simples do illustre poeta, que todas as cordas da poesia sabe tão perfeitamente vibrar.

— O poeta, diz Platão é um ente de natureza subtil e sagrada; voltija á roda das fontes dedicadas ás musas, e nos seus floridos jardins, para colher o manjar puro mel; e sobre o brillante carro da harmonia, se abandona ao Deos, que o possue, até que o sopro divino o desampare. — „Eis o retrato de Goethe e de Schiller, os dous illustres riváes, o primeiro superior ao 2 pela universalidade de seus conhecimentos, e pela sua brillante imaginação, e o 2 superior ao 1 pelo sentimento, e por uma certa melancolia doce, que parece a flor, o perfume de todos os sentimentos ternos e delicados.

Agora entramos na sua melhor tragedia. — *O CONDE DE EGмонт* — tirada da historia belga, no momento, que o duque de Alba foi pelo Tiberio moderno, Fellippe II da Hespanha, cercado dos fachos da inquisição, e de uma tropa de saltadores, invadio os Países Baixos. A acção d'esta tragedia rola sobre o amor do conde de Egmont por uma bella paisana, e a oppressão dos Flamengos, que gritavam vingança. Esta tragedia é um dos tipos do verdadeiro romantismo, reunindo a historia ao interesse poeticu, e de uma natureza elevada, ao mesmo tempo, que natural.

Torquato Tasso, e *Iphigenia*, são tambem dous primores d'arte, dignos de Goethe. *Hermann e Dorothea* é um lindissimo poemetto, d'onde parece evaporar-se um odor tão agradavel de simplicia poetica, de harmonia, de linguagem, e de sublimes sentimentos.

Agora abordemos a mais sublime concepção do genio de Goethe, digno rival da — *Divina Comedia* — do immortal Aligheri, do — *Juiso universal* — do celebre Miguel Angelo, e do — *Paraíso perdido* — do melancolico Milton. Abordemos essa obra extraordinaria, concebida na sua inocidez, e que já em ida-

de avançada finalizou, acompanhando-o através de todas as agitações de sua vida, como os *Lusiadas* acompanharam o infeliz Camoens através das vagas, e das tempestades, e que, por assim diser, exprime a chronica completa dos seus sentimentos, drama profundo, extravagante, e bizarro, intitulado — *O Doutor Fausto*. —

Fausto é o modelo de todos os estilos, desde a mais grosseira commedia, até a poesia lyrica a mais elevada, e a pintura de todos os sentimentos humanos, horriveis, e ternos, sombrios e doces. O heroe é um homem desesperado de muita sciencia, e ao mesmo tempo de pouca. Tudo sabe elle, e entretanto falta lhe muita cousa, que quereria saber. Interroga os astros, as estrelas, o céo, o mar, e a terra, e ninguem lhe responde. O suplicio da duvida o persegue, como um phantasma, e então lhe vem a ideia de appellar para o mundo sobrenatural, de invisiveis potencias, e de entrar no inexplicável cahos do mysticismo. O diabo lhe aparece então, sob o nome de Mephistopheles, e se esforça em tentar-o. É um diabo bem feito, vestido á ultima moda, bem falante, amador do bello sexo, da sociedade, e não como o que nos pintaram os poetas da media idade. Fausto se deixa por elle condusir, e com elle se perde. Este drama explica a lucta do materialismo, e do espiritualismo, dos interesses positivos, e do infinito. É o mundo, que se apresenta na scena, com todos os seus vicios e virtudes, com suas opiniões philosophicas e politicas, com toda a sua hypocrisia. Fausto é o voo d'agua da poesia moderna.

As outras composições de Goethe, e que ocupam os logares secundarios, são os dramas — *Clavijo* — *Stella* — a Filha natural — Os romances de *Wilhelm Meister*, e do *Divan*, e de que não damos notícia, por faltar-nos espaço.

Um bello e doce periodo da vida de Goethe, foi o de sua amisade com Schiller. Estes dous homens, tão diferentes em character e genio, se reuniam por fortes laços de amisade, e de um puro amor ás artes. Goethe amava o fogo impetuoso de Schiller, e este respeitava a serenidade e calma de sua alma. Eles se reuniam tambem com Herder e Wieland, na pequena capital de Weimar, onde se achavam estabelecidos, formando um sublime e engenhoso quadruplirato. Mas a dura morte arrancou ás seus braços estes tres genios amigos, e elle os acompanhou ao tumulo. Citaremos as suas palavras sobre o enterro de Schiller.

— A noite foi o seo corpo conduzido ao ultimo jasigo, seguido de seus amigos, e de todos os estudantes da universidade de Iéna, que de propósito deixaram a escola, e o acompanharam, entoando os seus hymnos e canticos. Durante a funebre marcha, o céo

estava enluctado, e coberto de sombrias nuvens, e no momento, em que o seu cadáver foi deposito na sepultura, a lúa de repente se intusou, e esclareceu com seus pallidos raios, o sepulcro do poeta. Já não existe o meo amigo, e breve nos ajuntaremos... O meo cadáver dormirá ao lado do seu. — ,

E em 1832, Goethe tambem deixou esta terra, e foi sepultado em uma pequena capella, que nós visitamos, quando por Weimar passamos; os seus restos se acham em um pequeno sepulcro ao lado do de Schiller; os dous maiores homens da Alemanha se reuniram na terra, e sem dúvida tambem no céo.

P. S.

LITTERATURA BRASILEIRA.

Estudos sobre a historia litteraria do Brasil.

Nós emprehendemos escrever a historia literaria do Brasil, trabalho insano, que requer tempo, paciencia, e meios, e já na *Revista Brasiliense*, publicada em Paris, demos a introdução dos nossos estudos. Continuaremos a oferecer ao publico alguns ensaios mais, e esperamos com sua critica e socorro, poder um dia dar-lhe completo o nosso trabalho; e mais digno de sua estima. Observamos para desencargo de nossa consciencia que nada nos tem desanimado, nem as injustiças nem a indifferença; oxalá outras coisas nos não faltassem, e quasi nos impedem de continuar uma carreira que consagramos ao estudo, cujo unico interesse é uma mesquinha sombra de gloria. Porque:

O favor com que mais se accede á engenhosa,
Não o dá a patria, não, que está metida
No gosto da cobiga, e na rudesia
D'uma austera, apagada, e vil tristeza.

Como bem disse o grande e infeliz Camoens.

Do começo da litteratura no Brasil.

No meio do século XVI, em 1554 alguns gelosos padres fundaram um pequeno collegio nos campos de Piratininga, onde ensinavam as humanidades, que não passavam de curtas notícias de teologia e de principios de gramática latina, cujos compêndios eram escritos pela mão do padre José de Anchieta, pela mesquinha de livros. Foi esta a segunda escola de gramática que se abriu no Brasil, tendo-se na Bahia estabelecido a primeira.

Assim pelas mãos d'esses generosos ministros do christianismo, os primeiros elementos da civilização foram lançados entre os selvagens, adoradores de Tupá; esses homens verdadeiros interpretes do divino mestre, dignos do nosso respeito e gratidão, que em tal extremo de miseria viviam, que das mãos dos seus pro-

prios discípulos, cuja sorte elles melhoravam, cuja intelligencia elas desenvolviam, aceitavam a farinha, o peixe, e a caça para sua subsistência.

O mais incansável propagador da civilização foi o padre Anchieta, homem de grandes virtudes evangélicas e litterato de algum mérito, e de quem se contam varias historias de milagres, e casos sobrenaturales; mas prescindindo de alguns poemas seus que não podem entrar n'esta historia, não podemos olvidar um facto importante pela influencia salutar que devia exercer nos costumes d'aquelles tempos, e que ao mesmo passo tendia a espalhar um certo gosto pela poesia. Facto este ignorado hoje de todos, e colhido pelo padre Paternina, e reproduzido unicamente por Simão de Vasconcellos. Em São Vicente, afim de impedir as indecências nos actos representados na igreja, compoz José de Anchieta, um acto devoto com o titulo de *Pregação universal*, que para Portugueses e Índios servia, constando de uma e outra lingoa, para que de todos entendido fosse. Representava-se este acto em pleno dia, a descoberto, e no adro da igreja, nas vespertas do jubileu, da festa de Jesus, a elle concorria todo o povo. Tinha este drama todos os caracteres da prisca comedia, e ainda mais, os actores do drama, que não eram comicos de profissão, mas sim particulares, a que damos o nome de amadores, fallavam em seu proprio nome, e se accusavam de seus proprios erros; era este drama uma especie de confissão pública e geral, e causa admiração que á tal pratica se submetesssem aquelles homens. Continha o drama, ao diser de Vasconcellos, varias prophecias que se realizarão. Era um dos enterlocutes um certo Francisco Dias, homem de pessimo procedimento a quem Anchieta aconselhava inutilmente, e assim se exprimia elle no drama.

A viagem está acabada,
A não vai-se alagando,
E esta vida, em que ando,
Por tantas causas errada,
Meos dias, já não são nada
Pois peccó por tantas vidas:
Triste do Francisco Dias!
Não lhe sinto salvação,
Se vós Mai da Conceição
Não pagais as avarias.

Outro sujeito que vivia amancebado, com escândalo, depois da representação d'este acto, esou-se com aquella com quem vivia, seu discurso era o seguinte:

Virgem pura, sou quem vedes,
Diante de vós me venho,
Tirai, vos peço estas rede
A este pobre Pedro Guedes,
E quantos peccados tenho;
Acha-me tão curado,
Que hei medo da perdição,
Quero deixar o peccado,
E ser devoto casado
Na villa da Conceição.

Como visto as pessoas lidas, é este facto talvez unico na historia dramatica, que nem mesmo na prisca comedia tal liberdade foi vista, de cada qual representar em público seu proprio papel, e contar seus proprios erros. Isto mostra o poder e a influencia que n'aquelles lugares exerciam os padres; e d'este arte se moralisava o povo, e o gosto da metrificação se espalhava.

Assim uma pequena centelha começava a chispar na escuridão. Assim tudo começa. Pouco a pouco ella accende-se, e espargiu uma luz placida e benefica em torno de si, o Brasil dava o primeiro passo para levantar uma ponta do véu de trevas, que o cobria, o christianismo foi o nucleo d'esta nova civilização. Os indigenas abandonavam seus bosques e seus costumes selvagens, para irem aprender uma nova doctrina, e os filhos do homem da Europa, nascidos n'estas plagas começavam a trilhar outra estrada; era o primeiro passo para a civilização; este passo devia ser anunciado por esta voz harmoniosa, primogénita do coração, por este brado de entusiasmo precursor de todo o desenvolvimento intellectual, por esta effusão de tudo que ha de mais sublime no pensamento, de mais bello na imaginação; e que é para a historia, para a philosophia e para as artes, o que a aurora é para o dia, e a infancia para o homem. A poesia é a harmonia das ideias e das palavras, é a voz misteriosa, symbolo da sociedade, é a linguaagem da natureza, que attrahe os homens, e a ferocidade lhes doma. Por isso é que o genio fecundo da Grecia representara os troncos e os brutos suspensos, e extasiados com os melodicos accentos de Orfeo, aqui é uma cidade que se levanta, acolá é o tyranno do inferno, que cede as suas supplicas, encantado pela harmonia de sua lyra. E a verdade trajada com os adornos da fabula.

Assim o povo do Parnaso esa
Entalhar na memoria
D'alto varão a gloria.
Oras a verdade, mas não mente a mala.

A poesia devia abrir uma nova época, ou antes preparal-a devia, como o primeiro relâmpago da civilização.

Devolvido se tinha um século, século de turpor intellectual, novo século despontava, e um poeta aparece no Brasil.

Em 1601, as prensas de Lisboa mostram ao mundo que um nascido nos incultos bosques da America pode arrejar a lyra, e manear a pena. Bento Teixeira Pinto, natural de Pernambuco, versado na historia, e possuindo varios ramos das sciencias naturaes, dotado sobre tudo de raro talento poeticó, é, segundo a ordem cronologica, o nosso primeiro poeta. Deixou-nos elle um poema intitulado — Prosopopeia — dirigido a Jorge de Albuquerque Coelho, capitão e governador

de Pernambuco, compôz a relação do naufrágio, que fez o mesmo governador, e o dialogo das grandesas do Brasil, que contém curiosas notícias. Dóe-nos grandemente o não podermos dar uma analyse de suas obras, que inuteis esforços fizermos para obtermos um exemplar. Si o esquecimento, porém, em que vive, um tanto o desabona, d'outro lado releva confessar que sempre lhe cabe o mérito de servir de ponto de partida da nossa literatura, e háver dado o sinal da inteligência de um novo povo. Quando se remonta a origem de qualquer sciencia ou arte jamais a perfeição se procura. O medico dos nossos dias, e o philosopho em conhecimentos excedem a Hippocrates e Thales; e o pintor dos nossos tempos, e não Raphael, ou Girodet, não tem que envejar ao celebrado Apeles; mas quem por isso se esquece do velho de Cós, do sabiô de Milesio, e do pintor de Alexandre? Que amador ou antiquário não folga em possuir um fragmento de bronze, ou uma medalha salada pelo tempo achada nas escavações de Hérculano, e Pompeia, com preferencia a muitas de moderna escultura? Os primeiros escritores tem um mérito, que com os séculos aumenta; por isso é que n'este quadro histórico iremos colocando quantos, por seus scriptos, credores se fizeram de memória.

Antonio de Sá (1) na idade de 12 annos, alistou-se na companhia de Jesus do convento da Bahia; ali completou todos os estudos, que n'essa época se podiam obter. Eram então os claustros os refúgios das sciencias, e os que ali se asilavam podiam saír-se em pingue manancial. D'elle se explica o abade de Sever da maneira seguinte: "a vivesa de juízo competindo com a tenacidade da memória feliz muito conspiraram para que, on cultiando as musas amenas, ou severas, fosse julgado pelos mestres, e condiscípulos, por milagre dos engenhos; com a mesma agilidade com que voou ao cume do Parnaso, e colheu as flores da eloquencia, penetrou por meio da philosophia e theologia, que sabia com perfeição, o santuário das escrituras, não havendo n'ellas mysterio rescondido, que não fosse patente a sua aguda investigação." Ornato com estes singulares dotes, nos quais excedia a todos os maiores talentos da sua idade, passou a Portugal, donde, por ordem dos superiores assistiu alguns annos em Roma com a ocupação de escrever as cartas para a província do Brasil. Depois de alguns annos de residencia na capital santa regressou para Lisboa, onde com geral aplauso começou a exercitar o ministerio de orador evangelico, tendo por ouvintes o rei e sua corte. O mesmo Vieira, contemporaneo

de confessava que sua ausencia, sensivel não era, se Antonio de Sá o substituia.

Um facto, porém, omitido pelo abade Barbosa, e que nos refere Manoel da Conceição, editor de suas obras, o obrigou a deixar a corte. Pregando na real capella em Agosto de 1663 pelos annos do rei D. Afonso VI, estendeo pelos deveres dos monarcas, e possuidos de sua missão augusta, como não fosse homem que profanasse a dignidade da cadeira sagrada, nos conselhos ao rei lançou alguns ditos, de que se offendiram os cortesões, e d'ahi tiraram armas contra elle, o intrigaram na corte, e o fizeram partir para o Brasil.

Em tempos de tanto respeito e vassalagem, certo, aquelle sermão, continha verdades terríveis para ouvidos a ellas pouco afieitos. Modelo é esse discurso da eloquencia do tempo, e da verdadeira eloquencia; a primeira parte é cheia de conceitos e trocadilhos de que damos um exemplo no seguinte extracto: " — A estrella, em cujos raios me mandaram ler os prognosticos d'este dia, é Christo sacramentado; estrella, na qual depois depôr muitas veses attentamente os olhos, achei tão coberta sempre de nuvens, que vim a suspeitar, que era sem dúvida estrella do encoberto; e conferindo este pensamento meo com o nascimento natural de Vossa Magestade ao mundo, e com o nascimento politico de Vossa Magestade ao reino, resvoli commigo, que se Vossa Magestade não era encoberto esperado, era o esperado descoberto." Ao lado, porém d'este período de mño gosto, vejamos como o orador levanta a voz, vibrando quasi as cordas do sublime. Quer elle mostrar que o rei deve estender sua vista sobre todos indistintamente, e assim se exprime. — "Se o sol se inclinara sómente a gigante, não fôra sol; tanto direito tem para sua vida a mais humilde planta; que ao pé da montanha serve de pasto perpetuo à voracidade das feras; como os mais empinados cedros, com cuja pompa se coroa soberbamente o cume. O nobre senhor, e poderoso, não tem obrigaçao de faser bem a todos; porque não tem o poder todo, tem algum poder; porém o rei, o principe é o sol com todo o resplendor: a todos deve dar sua luz, e sua influencia a todos. O dia, que o sol assistio parado com suas luces a José, f i tal a confusão, e descompostura, que houve no universo, que assim como durou dose horas o favor, se durara muitos dias pereceria o mundo. Si dose horas; que o sol se mostrou sol para José sómente, bastaram para descompor o mundo, que desordem, que desconcerto não haverá em um reino, aonde houver José, que todos as horas leve sómente o sol? Que prêmio esperará o merecimento? Que favor a nobresa? Que enigma o poyo? Triunfará José, e chorarão todos, e que maior desconcerto? Que maior desordem?" Este periodo, e outros da mesma força, deviam invitar os cortesões; que o orador não temia dizer, que se devia crear um conselho das murmurações reaes, a bem do rei; reflectindo, via que não faltava na corte aquelle conselho; porém que faltavam os conselheiros.

Todos os seos sermones estão cheios de pensamentos sublimes, de maximas de moral, e de politica. Ora se eleva, ora se abate vê-se a lucta do genio e do gosto do seculo. Algumas veses é melancolico, e apresenta quadro verdadeiramente tocantes, e um estilo tão suave e persuasivo como aquelle

que admiramos nos escritores modernos, principalmente em Mr. de Chateaubriand, exemplo seja o seguinte extracto do sermão de Cinza.

"Que são os gostos, senão cilada dos pazes? Não ha favo nesta vida, onde o desabor da cera não seja prato dos sabores do mel: na docura de um pomo comeram nosso primeiros pais o veneno da mortalidade; o dia, em que creou Deus a luz do céo fez nuvens, que o podessem escurecer, e quando mais florida, e fecunda creou a terra, já lhe tinha prevenidos os espinhos, que a podessem afear, que não ha dia de alegria sem sua nuvem, nem flor de contentamento sem seu espinho."

"Que são os deleites, senão remangos entolados, onde chegas sequioso a satisfazeres, e por mais que bebeis, manchais os beijos, e não matais a sede? Converteo Deus a mulher de Loth naquelle estatuto de sal, e quer Origenes, que fosse para symbolo dos deleites desta vida, e para tal estatua não havia melhor materia: meteu uma pedra de sal na boca, deixal-a faser em agua, ideal-de depois bebendo, e tragando, que securas não vos faz, que sede vos não causa; eis aqui os deleites do nosso mundo, agua de sal, tudo é beber, e tudo é sede."

Gosto, verdade e sentimento são os ornamentos do que acabamos de ler. Ha momentos porém em que o orador se arrebata e n'uma especie de delirio pergunta. "Que cousa é o corpo humano? si o consideramos quanto aos successos varios que padece, uma morte viva, um sensitivo cadaver, uma mentira verdadeira, uma fugitiva sombra, uma phantasma do tempo, um alvo da fortuna, uma imagem da incostância, uma praça de calamidades, um sonho de acordado, uma ideia da fraquezza, uma faísca que em um momento se acaba, uma chama que logo se desfaz, uma luz que no ar se escurece. Assim o testemunha a idade mais florente, ha poucos dias cortada: assim a formosura mais peregrina em breve tempo afeada: assim a saude mais robusta, em um instante perdida. Si o consideramos quantos a substancia e uma pouca de terra com melhores accidentes.

"Terra! isto foi e isto ha de ser; mas em quanto vive, porque se ha de avaliar por terra? porque isso foi e isso ha de ser.

"Ainda que o corpo humano, em quanto vive seja carne e esta revestida de aprasiveis cores, com tudo como foi terra e como ha de ser terra, por isso ainda vivo se ha de aviar por terra. Porque as causas não são tanto o que são, quanto o que foram e o que ha de ser."

Sem pertendermos faser uma rigorosa critica desta maneira de descrever a parte phisica do homem, não podemos deixar de admirar os arrojos da imaginação, e oxalá para gloria do orador fossem esses os seus desfeitos.

Da volta ao Brasil, Antonio de Sá, ensinou ainda dose annos theologia e letras humanas. Animado de apostolico zelo, consagrhou-se a conversão dos Indianos nos sertões do Rio de Janeiro. Seo débil corpo com as mortificações, estudos, e viagens não pode resistir a tão arduo trabalho, e de tal modo voltou ao seo convento que ali morreu em 1678. Existé uma edição de seos sermones que é hoje muito rara e da qual nos servimos para este estudo.

M.

(1) Nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 26 de Julho de 1627, e morreu no 1º de Janeiro de 1677.